Narrativas Fotográficas no *Tablet*: uma Análise das Galerias de Fotos do Diario de Pernambuco e Jornal do Commercio[1]

Karolina de Almeida Calado[2]
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Este artigo propõe uma discussão acerca das narrativas fotográficas presentes nas galerias de fotos dos jornais Diario de Pernambuco e Jornal do Commercio, no *tablet*. Tal discussão problematiza o lugar das imagens no jornalismo, ou seja, a relevância das imagens diante do desafio jornalístico de se contar uma boa história, especificamente no *tablet*. A pesquisa possui um modelo teórico-empírico e, para tanto, foram analisadas as composições, localizações e acessibilidades das edições dos jornais e suas respectivas galerias nos dias 5, 10, 14, 19, 25 e 30 de julho de 2012. Para estabelecer o diálogo teórico, lançou-se mão dos seguintes autores: Barthes (2011), Silva Junior (2011), Raquel Longui (2011), Díaz Noci (2011) e Knox (2009). O trabalho demonstra a importância dos profissionais do âmbito jornalístico passarem a explorar melhor as narrativas fotográficas e multimídia.

Palavras-chave: narrativas; fotojornalismo; *tablet*; plataformas tecnológicas; convergência tecnológica.

1. Introdução

A narrativa fotográfica exerce uma função fundamental na circulação de conteúdos jornalísticos nos dispositivos móveis, ao ter a capacidade de contextualizar o leitor sobre os acontecimentos e, até mesmo, de narrar os fatos por meio de imagens.

A popularização dos *tablets* e, consequentemente, a necessidade de produzir conteúdos, provocam inquietudes, no sentido de tentar compreender qual é o estado da arte, ou seja, como os meios de comunicação têm se apropriado de recursos como galerias, fotorreportagem ou *slideshow* para oferecer conteúdos a essas plataformas. Percebe-se que as imagens fotográficas têm um espaço consagrado no jornalismo. Esse espaço é confirmado por Marie Marien (2007), ao citar o que Getty, fundador da Getty Images, disse ao se reportar à propriedade intelectual, que esta, por sua vez, torna-se o petróleo do século XXI. Getty é descente da família que fundou o Getty petróleo, possui 70 milhões de fotografias e divide os quase 50 % do negócio de imagens, no valor 2 bilhões, com Bill Gates, dono da Corbis Imagens. Atualmente suas imagens têm o foco no fotojornalismo,

[1] Trabalho apresentado no DT5 - GP Conteúdos Digitais e Convergência Tecnológicas, do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE), com bolsa Facepe.

priorizando imagens de notícias, principalmente esportes (MARIEN, 2007, p. 415).

É abordando a relevância das imagens nas novas plataformas digitais, que este artigo objetiva provocar uma reflexão sobre as narrativas fotográficas no *tablet*. Para tanto, busca-se: analisar a construção dessas narrativas nas galerias presentes nos aplicativos do Diario de Pernambuco e Jornal do Commercio; discutir teoricamente as transformações na história cultural da fotografia e às adaptações para com as necessidades sociais.

A análise aconteceu de forma descritiva, a partir de uma abordagem qualitativa, na qual foi preciso utilizar dos seguintes instrumentos: análise de conteúdo, observação e revisão de literatura. Em um primeiro momento, fez-se um acompanhamento para identificar os encadeamentos narrativos das imagens; após identificados, começou-se a análise tecendo um diálogo com a fundamentação teórica.

O artigo se fundamentou a partir da procura pelo conceito da narrativa sob três pontos de vista: de forma generalizada, a partir de Barthes (2011); sob o olhar da teoria jornalística, proposta por Luiz Gonzaga Motta (2004); sob a perspectiva da hipertextualidade online, lançando mão dos conceitos de Díaz Noci e Palácios (2007) e Díaz Noci (2011); e, mais especificamente, abordando a narrativa fotográfica, sob os conceitos de Longui (2011).

Com base nos autores Ivins Jr. (1975), Knox (2009) e Burke (2005), a discussão teórica segue procurando estabelecer uma relação entre a objetividade das imagens e o jornalismo, tratando a função fotojornalística. Por último, mediante um olhar contemporâneo, discute-se o surgimento da fotografia na imprensa e suas transformações, ao longo da história. As mudanças na temática e na cadeia produtiva da fotografia são ancoradas pelos conceitos de convergência, dos autores Silva Junior (2011) e Marie Marien (2007).

2.1 O conceito de narrativa

Diferentes são as concepções acerca das narrativas. Diferentes também são as ópticas pelas quais se analisa as estruturas narrativas. Diversos campos direcionam seu olhares para as narrativas, seja a estética, a literatura, o jornalismo digital. Dentre essas, cada uma possui o seu modelo de análise: da estrutura hipertextual às relações de sentido.

Independente da abordagem, o fato é que, de forma ubíqua e transcultural, a narrativa perpassa toda a história da humanidade (BARTHES, 2011). Ela é capaz de ser

compreendida e compartilhada por todos os indivíduos sejam eles de grupos semelhantes ou opostos, em diferentes linguagens: "a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias (BARTHES, 2011, p. 19).

A narrativa faz parte da vida das pessoas e todo ser humano sente a necessidade de se comunicar e, eventualmente, de contar histórias. O processo pode se dar de diferentes maneiras, inclusive com a utilização de ícones capazes de estabelecer distintos encadeamentos. O que para Barthes (2011), a lógica de sentido se sustenta por meio da catálise e do núcleo.

2.1 Narrativa no jornalismo

O autor Luiz Gonzaga Motta enfatiza que o fluxo contínuo de informações preenche a notícia, fazendo-a permanecer no imaginário do povo. De modo que, em determinado período, uma história do ter começo, meio e fim. Ainda acrescenta que, nessa notícia é possível ter ficção, pois após uma informação ser propagada não se tem mais o controle da mesma. Essa estrutura conceitual dialoga com o pensamento de António Fidalgo (2007) quando diz que as informações são complementadas após serem divulgadas, de forma abrangente e diversificada, até conquistarem a densidade informativa, graças a qualidade da resolução semântica e saturação de conteúdos. A saturação ocorre quando os fatos já foram tão explorados que começam a se tornar repetitivos.

Para Díaz Noci (2011), busca-se na web a não periodicidade, mas os indivíduos podem por meio dos mecanismos de buscas encontrar histórias de seus interesses, lembradas posteriormente.

Na web, o percurso da história ou a sequencialidade da narrativa é traçada pelo leitor/usuário. Para Lúcia Santaella (2007), os usuários que escolhem, tornam-se outros personagens e são construtores de labirintos. Tal ideia se assemelha ao sentido dado a uma das características do jornalismo online, a personalização (SILVA JUNIOR, 2000) .

Sobre a leitura no ciberespaço, Lucia Leão (2001) diz que: "todo bom aplicativo em hipermídia oferece uma série de informações correlacionadas ao tema central, ampliando o potencial do conteúdo de leitura" (LEÃO, 2005, p. 16). Ao encontro dessa ideia está a discussão realizada por Francilaine Moraes (2003), ao afirmar que a narrativa se desenvolve de forma multilinear. A autora acrescenta que, de forma a deixar a informação

atraente ao leitor, a notícia na web deve estar estruturada de acordo com a pirâmide invertida é que os fragmentos dessa notícia, ao serem acessados, também devem estar no formato de pirâmide invertida.

No processo narrativo fotográfico presente nas fotorreportagens, *slideshow* ou galerias, o modo de avanço na apresentação das imagens é automático ou manual, dá-se a partir das escolhas do leitor, que, numa estrutura multilinear, constrói sua sequencialidade e decide quais caminhos percorrer.

> Utiliza uma série de imagens fixas e texto para contar uma história, algumas vezes organizados linearmente, numa ordem que colabora para contar a história, segundo Kolodzy (2006, p. 207). Em outros casos, é organizado para permitir ao usuário que escolha o que ele quer ver, alguns com legendas e explicações, enquanto outros usam som natural ou narração. (LONGHI, 2011, p. 792-793)

Com a hipermídia a as imagens podem se apresentadas em sequência, a exemplo do *slideshow*, o que confirma a lógica narrativa (LONGHI, 2011). Para a mesma autora, o *slideshow* pode ser considerado um formato noticioso por que narra um fato ao usar legendas e títulos.

> Da mesma forma, criar um *slideshow* significa editar imagens, fazer uma seleção do que de mais significativo possa estar em cada fotografia, com o objetivo de contar uma história, que pode ser as notícias do dia, as melhores fotos do ano, um jogo de futebol, a erupção de um vulcão, dentre outros. (LONGHI, 2011, p. 798)

A visualização das imagens no *tablet* permite que essas narrativas sejam construídas a partir do toque, o que faz pensar em como a navegação nesse dispositivo se torna palpável, segundo Díaz Noci (2011) ou mesmo em como se dá o processo que confirma a característica da tactilidade no *mobile*.

2.2 As imagens no jornalismo

A imagem fotojornalística ocupa um espaço essencial nas narrativas multimídia, no jornalismo, mas verifica-se que ela não somente tem um papel de complementar a notícia. Segundo Longhi (2011, p. 789), a fotografia no ciberespaço se torna mais independente do texto e, muitas vezes, tem a capacidade de ser a própria notícia, pois a

fotografia tem condições de sintetizar o acontecimento.

Ao procurar entender o papel da imagem em miniatura no texto do jornalismo online, Knox (2009) conclui que é uma característica do meio online explorar a imagem em miniatura, e cita essa predominância em redes sociais. Para esse autor, a união entre a pontuação, a tipografia e a imagem cria um espaço semiótico no jornalismo. Assim como Longui (2011), ele também considera a imagem fotográfica, por ser munida de sua própria linguagem, uma notícia por si só. O autor compara as imagens aos atores da história verbal. A origem, apropriações e utilização das imagens são por ele discutidas.

> A origem das imagens nos jornais iniciou com bordas ilustradas no fim do século XVI (Bicket; PACKER, 2004), mas foi em meados do século XIX que consideraram um aumento significativo no uso das ilustrações, uma prática que continuou mesmo quando a tecnologia fotográfica melhorou e se tornou mais difundida na segunda metade século XIX e início do século XX. (BARNHURST AND NERONE, 2001; CAPLE, FORTHCOMING *apud* KNOX, 2009, p. 156)[3]

As mudanças de produção acontecem por conta da convergência que envolve vários ramos culturais de atividades e que, por sua vez, acaba modificando a lógica pela qual a cadeia produtiva da notícia opera. Consequentemente, a convergência altera as formas de produção fotojornalística.

> Tratando-se de um percurso, o fotojornalismo, como toda gramática visual apoiada em tecnologias, está sob um processo contínuo de desenvolvimento e sucessão de fatores tanto de ordem tecnológica como na relação desses fatores com os contextos culturais e profissionais de sua aplicação. (SILVA JUNIOR, 2011, p. 8)

A partir das transformações na cadeia produtiva da fotografia e das novas configurações nos modelos de produção e circulação, Silva Junior (2011) enfatiza que o fato de a fotografia se adaptar às novidades tecnológicas inerentes às mudanças decorrentes da convergência, é sinônimo de garantia da sobrevivência da mesma. Diante desse cenário convergente, diferentes formatos de narrativas fotográficas surgem no jornalismo, entre eles

[3] The origins of images in newspapers have been traced to the illustrated broadsides in the late 16th century (Bicket and Packer, 2004), but it was the mid-19th century that saw a significant increase in the use of hand-drawn illustrations in newspapers, a practice which continued even as photographic technology improved and became more widespread in the second half of the 19th and early into the 20th century (Barnhurst and Nerone, 2001; Caple, forthcoming). (BARNHURST AND NERONE, 2001; CAPLE, FORTHCOMING *apud* KNOX, 2009, p. 156)

a fotorreportagem, o *slideshow* ou fotografias com recursos multimídia, as quais possuem, inclusive, áudio. O autor apontou o caso bem sucedido da fotorreportagem do soldado americano recém ingresso no Exército, que resultou ao fotógrafo responsável o prêmio Pulitzer de 2010. "Uma interpretação ingênua da potencialidade que o ensaio de Craig Walker oferece, pode responder que cada vez mais, a Internet é o lugar da fotorreportagem que se renova. Não é apenas isso" (SILVA JUNIOR, op. cit., p. 8).

Para Silva Junior (2011), em tempos de convergência, a produção é multiplataforma, a partir da qual uma mesma informação pode ser adaptada para circular por meio de diferentes canais. "A questão aqui é o entendimento de um mesmo conteúdo por diversos dispositivos. Desse modo, uma fotografia ou ensaio, por exemplo, pode ser acessado via web, dispositivo móvel, *tablet*, ou mesmo um impresso ou programa de TV" (SILVA JUNIOR, 2011, p. 9). Até por que, segundo o mesmo autor, a circulação de produtos informacionais como a fotografia em diferentes plataformas, impacta, inclusive, no setor negocial.

2.3 Contexto histórico e convergente da fotografia

Ao longo da história das imagens, desde a época pré-fotográfica, percebe-se que os indivíduos se apropriam de algumas das funções das imagens e de suas tecnologias, a exemplo do surgimento do linotipo, o qual permitiu uma melhor reprodução dos desenhos e maior circulação, favorecendo diversas áreas, entre elas, a botânica (IVINS JR., 1975). De acordo Ivins Jr, o linotipo permitiu que informações complexas fossem melhor compreendidas, ou mesmo, menos distorcidas.

Segundo Ivins Jr. (1975), com o surgimento da fotografia, as pessoas começaram a achar que a precisão da fotografia iria substituir a subjetividade da pintura e dar lugar à objetividade, podendo, inclusive, ser considerada documental. Tal ideia foi posta em discussão por Peter Burke (2005), que questionou até que ponto uma fotografia pode ou não ser considerada documento, a partir do momento em que fotógrafos compõem um cenário para montar algum tipo de situação a qual eles consideram realidade.

O fato é que a fotografia possui um valor imagético indicial e, portanto, transmite, segundo André Rouillé (2005, p. 94), a ideia de relação direta com o referencial. Para o autor, imagens complexas como as de edifícios modernos só podem ser registradas, com uma maior verossimilhança, pela fotografia.

A imagem fotográfica é responsável também por registrar temáticas atuais, que preocupam a sociedade. A autora Marie Marien (2007), comentou que as discussões globais acerca de temas polêmicos, como globalização, imigração, guerras, genética e tecnologia, foram e ainda são abordadas pelos fotógrafos. Ela lembra que os fotógrafos, de forma convergente, se apropriaram de novas tecnologias para produzir imagens que possuem um cunho artístico e documental, a exemplo da fotografia de Andreas Gursky[4], "The Dystopian Series"[5], dentre outras. Marien (2007) analisa também como os fotógrafos exploram as possibilidades que a tecnologia trouxe para manipular determinados contextos e, assim, provocar algum tipo de inquietação ao ser humano. A autora deixa claro que, na contemporaneidade, a convergência cultural, resultante também da difusão de tecnologias, possibilita manipulações técnicas e diálogos entre as áreas: fotojornalística, documental e artística.

3. Aspectos metodológicos

No *tablet*, analisou-se as galerias de fotos dos aplicativos dos jornais Diario de Pernambuco e Jornal do Commercio. Em um nível descritivo, foi detalhado como se compõem as imagens nas galerias e na versões impressas dos jornais analisados.

O trabalho possui uma abordagem qualitativa, de modo que procurou entender a estrutura narrativa na qual as fotos nos referidos jornais estavam inseridas, identificando os recursos que de fato confirmavam ou complementavam as narrativas, além da ênfase de algumas características: símbolos que permitem associações no processo de leitura, localização das imagens e acessibilidade.

A coleta se deu durante seis dias do mês de julho de 2012, especificamente nos dias: 05, 10, 14, 19, 25 e 30. Para melhor resultado, a análise se realizou baseada no modelo de ficha da análise de galerias de fotografias (MASIP et al. 2011, p. 111).

4. Jornais analisados

Devido às mudanças no consumo de notícias e, consequentemente, na produção, a

[4] Registra as manifestações arquitetônicas consequentes da globalização, modificando-as no computador.
[5] Produção fotográfica de Aziz e Cucher, que faz referência ao medo que as pessoas têm das tecnologias digitais.

partir do surgimento de novos dispositivos móveis, atualmente, há a necessidade de pensar como produzir conteúdos multimídia que atendam aos anseios do público leitor. Para tanto, torna-se míster pensar em como construir narrativas que explorem os vários recursos proporcionados pelo meio digital. Ou mesmo, segundo Knox (2009), que explorem tanto as características da linguagem textual quanto imagética, numa lógica multimodal. É o que se percebe na presença das imagens em diversas galerias do *tablet*, especificamente nos jornais aqui analisados: Diario de Pernambuco e Jornal do Commercio.

4.1 Diario de Pernambuco

A versão impressa do Diario de Pernambuco no *tablet* pode ser acessada a partir do momento em que se faz o download do aplicativo na Apple Store. Cada edição possui sua galeria específica, com conteúdos próprios para o dia. Há um exemplo ilustrativo na figura 1.

Figura 1. Edição do jornal com galerias dos assuntos do dia.

Para visualizar as imagens, é possível acessar diretamente as galerias de fotos na edição do dia, bem como, no momento em que se navega pela edição, é possível acessar as galerias através do toque em ícones, que representam a câmera fotográfica, ou o símbolo da soma (+), conforme ilustrado na figura 2. Esses símbolos colaboram no processo cognitivo de associação do conhecimento, o que facilitam a compreensão textual. "A leitura orientada hipermediaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis" (SANTAELLA, 2007, p. 175).

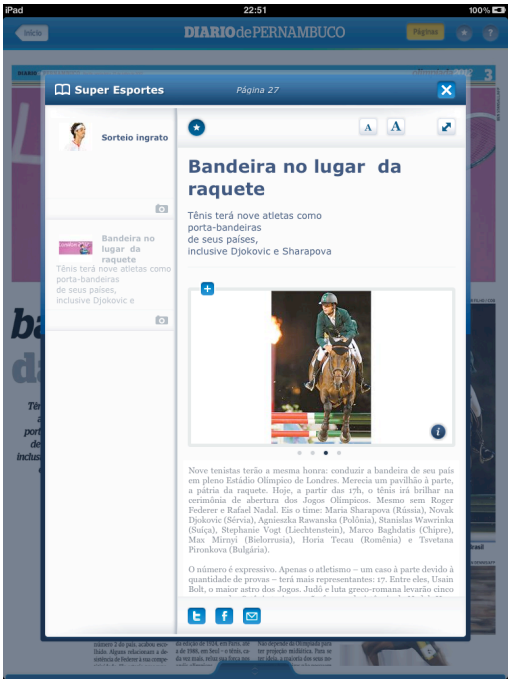

Figura 2. Terceira foto da série, sendo visualizada da própria matéria.

Sobre a caracterização das imagens, percebe-se que todas as imagens presentes nas galerias, são as mesmas que acompanham o texto. No entanto, não são todas as imagens presentes no texto que estão nas galerias.

Há outra possibilidade de acessar as fotos: no modelo que se assemelha ao *slideshow*, na própria matéria, sem ser preciso ir até a galeria, pois o jornal oferece a possibilidade de visualização das imagens a partir do avanço manual. A discussão sobre esse formato narrativo é abordada por Longui (2011, p. 798): "na forma do *slideshow*, a narrativa com imagens alcança um poder que lhe é conferido pela sua disposição em conjunto, onde o contexto do grupo faz-se base para o entendimento do todo".

O que deve ser ressaltado é que no momento da leitura do jornal, consegue-se ir diretamente para a galeria de fotos, e clicando no item "outras galerias", é possível ao usuário visualizar os diferentes tipos de imagens no banco, sem necessariamente sair da matéria. No entanto, quando o acesso às imagens é a partir da galeria, não há possibilidade de acessar diretamente a matéria na qual aquela imagem visualizada se encontra, não há link para tal função.

O título de cada galeria é o mesmo da matéria. Pode-se visualizar a legenda ou crédito da imagem com o clique no símbolo (i), de acordo com a figura 3. O que se pode observar, até então, é que as galerias possuem de duas a três imagens, e que o número de imagens por edição é variável. Pode-se ver também que algumas galerias são de

publicidade, por exemplo, de carros. Outras galerias são de coluna social, ou mesmo, "coluna do diário", a qual traz entrevistas com celebridades etc. Ao dar qualquer toque na tela, uma matéria fica em destaque, com a foto em tamanho maior, enquanto outras aparecem com as fotos em miniatura, acompanhadas do título da matéria e do símbolo da câmera; quando muito, com o olho ou chamada da matéria.

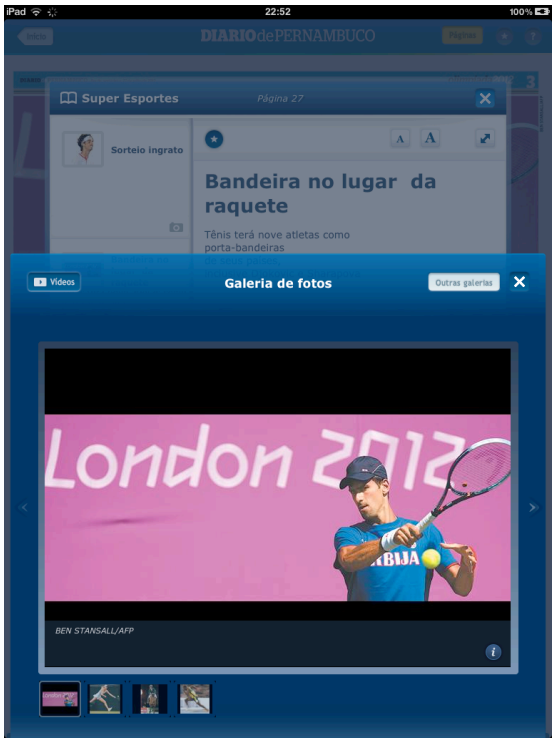

Figura 3. Galeria aberta a partir da matéria, com o crédito da foto devido ao clique no ícone (i).

Observa-se também que o enquadramento das fotos se divide em contextualizar a situação de forma ampla, e mostrar relações mais específicas de algum personagem, acontecimento, etc. Para Knox (2009), a ideia de proximidade e distanciamento das fotografias expressa sentidos diferentes de intimidade e subjetividade ou objetividade. As matérias que, além da foto, possuem vídeos, são indicadas.

Percebeu-se que as galerias do Diario de Pernambuco são monotemáticas, geralmente as fotos são sobre o mesmo tema, o tema da reportagem, as quais incluem título na própria galeria. Quanto à localização, as galerias estão integradas na zona de notícias destacadas e segregadas em uma zona específica. No que diz respeito à utilidade de suas galerias, vê-se que as mesmas são integradas num discurso multimídia, mas são redundantes quanto às fotos já presentes na reportagem.

4.2 Jornal do Commercio

Diferentemente do Diario de Pernambuco, as galerias do Jornal do Commercio possuem fotografias que são autônomas aos textos. São em formato de *slideshow*, com temáticas do dia ou dos dias anteriores. Sua quantidade de fotos varia, entre 5 até 16 fotos. Essas fotos possuem legendas e, por serem visualizadas em série, confirmam a ideia da narrativa. "A professora Mindy McAdams aponta que, mais do que um conjunto de fotos, o *slideshow* pode ser usado para contar histórias, quando se combinam fotos descritivas e área de legendas para informações adicionais" (LONGHI, 2011, p. 793).

As galerias do Jornal do Commercio não possuem títulos. Do ponto de vista dos temas, são mistas, existem tanto com montagem monotemática, conforme figura 4, quanto diversificada. Quanto à localização das galerias, elas são segregadas em uma zona específica e apesar de serem sobre temas atuais, elas são independentes dos textos.

Com um clique é possível enviar os links das fotos por e-mail ou divulgá-las nas redes sociais.

Figura 4. Galeria de fotos monotemática sobre desorganização no mercado público do bairro Afogados, em Recife.

As editorias ou seções nas quais as imagens se encontram variam. Elas não possuem nenhum recurso adicional, como música, voz em *off,* efeitos sonoros, entre outros. O avanço das apresentações das galerias é manual.

A análise se deu a partir do modelo proposto por Masip, Micó e Teixeira (2011, p. 111), citados anteriormente.

Considerações finais

A discussão provocada aqui sobre a construção das narrativas fotográficas enfatiza a importância de os profissionais do meio digital pensarem na possibilidade de trabalhar o fotojornalismo por meio das narrativas, como elemento fundamental no sentido de aprimorar a técnica de contar histórias no jornalismo.

Percebe-se que os jornais pernambucanos analisados produzem conteúdos com boa qualidade, no entanto, com alguns entraves técnicos.

Pensando no aspecto dos novos dispositivos, sabe-se que há um longo caminho a ser trilhado, no que se refere a produção de conteúdos para os mesmos. No entanto, confirma-se que a relevância das imagens é enfatizada a partir do momento em que há galerias destinadas a elas, em dispositivos como o *tablet.*

Para pesquisas futuras, ressalta-se a necessidade de compreender as relações de sentido entre imagem e texto e a construção do seu ambiente semiótico, em diferentes dispositivos móveis. Além de um estudo aprofundado sobre os recursos multimídia que integram as narrativas em dispositivos móveis, a exemplo de *tablets.*

Referências

DÍAZ NOCI, Javier. **Online News: Narrative, Hypertext and Interactivity. An Analysis of Internacional Media**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2011.

FIDALGO, António. **A resolução semântica no jornalismo online**. In: BARBOSA, Suzana (org.). Jornalismo Digital de Terceira Geração. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007. cap. 7, p. 101-110.

IVINS JR, W. M. **Imagen Impresa y Conocimiento: Análisis de la Imagen Prefotográfica, Barcelona.** Barcelona: Gustavo Gilli, 1975.

KNOX, John. S. **Punctuating the home page: image as language in an online newspaper. Discourse and Communication**. Macquarie: Macquarie University, 2009, p. 145-172.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LONGHI, Raquel. Slideshow como formato noticioso no webjornalismo. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 782-800, setembro/dezembro 2011. Disponível em: < http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/10384/7282 > Acesso em 10 de agosto de 2012.

MARIEN, Mary. Convergences. Globalism, Technology, and Social Change. In: . **Photography, a cultural history.** 3 ed. London: Prentice Hall, 2007

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. In: **Revista Brasileira da Comunicação**. São Paulo, 2004, p. 31-50.

MASIP, Pere; MICÓ, Josep Lluís; TEIXEIRA, Tattiana. Ferramenta para Análise de Multimidialidade em Cibermeios. In: PALACIOS, Marcos (org.). **Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo**. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2011. cap. 5, p. 81-129.

MORAES, Francilaine. **Narrativa Jornalística On-Line**. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, I, Brasília, 2003.

ROUILLE, André. Crise da fotografia documento. In: **A Fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA JUNIOR, José Afonso. **Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência. In:** Encontro Nacional da Compós na UFRGS, XX, 2011, Porto Alegre, 2011. Disponível em: < http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=0&fcodigo=1675 > Acesso em 27 de junho de 2012.

SILVA JUNIOR, José Afonso. **Jornalismo 1.2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo**. Dissertação de mestrado (Comunicação) – UFBA/FACOM, Salvador, 2000.